

## ■ DOSSIÊ - ARTIGOS

### ■ **Experiência leitora e escrita criativa: Relatos da prática docente do projeto Mulheres Inspiradoras**

 *Gleiser Mateus Ferreira Valério \**  
*Anelise Tonel Barcelos \*\**

**Resumo:** O projeto Mulheres Inspiradoras foi idealizado e desenvolvido pela professora Gina Vieira Ponte, em 2012, no Centro de Ensino Fundamental (CEF) 12 de Ceilândia e, posteriormente, ampliado para 15 escolas do Distrito Federal, das quais se destaca o CEF 31 de Ceilândia, local de realização das pesquisas que compõem o presente artigo. O objetivo central deste trabalho é analisar a importância de projetos de leitura para promoção de uma educação transformadora e emancipadora, na qual o estudante assuma a posição de protagonista no que tange à cidadania e à compreensão de problemas na sociedade – especialmente a violência contra a mulher, o machismo e a misoginia. Para tal, realizamos atividades durante o ano de 2017, em turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, que serão descritas por meio de um relato de prática docente, tendo como cerne questões relativas ao texto literário, à leitura e à escrita criativa como forma das alunas e dos alunos questionarem a si e a seu estar no mundo, frutos obtidos a partir do projeto Mulheres Inspiradoras, de sua formação docente e do material oferecido para sua realização.

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Feminino. Ensino. Transformação.

---

\* *Gleiser Mateus Ferreira Valério é doutorando em Literatura pela Universidade de Brasília e professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: gleisermateus@hotmail.com.*

\*\* *Anelise Tonel Barcelos é especialista em Educação e professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: anelise.tonel@gmail.com.*

## Introdução

Tradicionalmente, ensinar Língua Portuguesa centrava-se em uma repetição de paradigmas gramaticais, teorias em frases dispersas e uma visão elitista e antiga de língua (denominada como “cultura”), em detrimento das variedades populares deixadas à margem. Com o advento de teorias linguísticas, como a sociolinguística, buscou-se novas possibilidades de se discutir e tornar o ensino de língua mais crítico, relacionando-o às mentes dos jovens no Ensino Fundamental, algo que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) exigem há décadas, no Brasil. Mais que isso, promover uma educação que tenha a leitura como elemento fundamental e que provoque um posicionamento crítico-reflexivo em estudantes, levando-os a repensar a si e sua situação na realidade da qual são componentes e integrantes. De tal maneira, munidos de novas visões de mundo e de questionamentos diferenciados, serem capazes de expandir sua capacidade escrita e utilizar seu imaginário para produzir narrativas do seu cotidiano e de seus pares – pais, família, escola, comunidade e país.

No ano de 2017, nós, professores de Língua Portuguesa, buscávamos algo novo, que tocasse o coração e a mente dos jovens alunos de nossa escola, para, assim, ter uma atividade que mesclasse o prazer do texto com a capacidade de questionar a sociedade, principalmente numa realidade machista e dominada por um pensamento patriarcal como a nossa. Um país em que, diariamente, mulheres são submetidas, humilhadas, violentadas, abusadas e assassinadas, vítimas de relacionamentos controladores e por homens que ainda acreditam que a companheira seja sua propriedade, pensamento esse que advém de toda uma história constitutiva de nossa sociedade marginalizadora do feminino.

Observávamos tais posturas nas próprias atitudes e pensamentos dos estudantes: garotos que expunham suas colegas ao ridículo, com palavras de baixo calão; exposição exacerbada do corpo feminino na Internet; constante falta de respeito entre as jovens que viam, em suas amigas, verdadeiras rivais; e cuidados excessivos com estética, por parte das garotas, para estarem belas para os garotos, como se partisse apenas delas a necessidade de manter relacionamentos.

Trata-se de uma percepção inicial que representa todo um conjunto de estereótipos e de padrões que continuam perpetuados pela mídia e pelas redes sociais, mantidos no pensamento coletivo e que, na atual conjuntura, chocam-se com as pesquisas e estudos que visam a modificar esse *status quo* misógino e que pode ter a escola como elemento transformador e emancipador de jovens mulheres em seu processo de inserção e aceitação na sociedade.

Com essa finalidade, o projeto Mulheres Inspiradoras surgiu como uma necessidade que o espaço da escola apresentava. Em diálogo com a professora e criadora do projeto, Gina Vieira Ponte, surgiu a oportunidade de compor o Programa de Ampliação do Mulheres Inspiradoras, de modo que a escola participou e deu sua visão própria e local para o que foi inicialmente proposto. Foram várias atividades e mudanças de paradigmas obtidos em um ano letivo, que aproximaram os estudantes, criaram afetos e aprendizagens. A sala de aula se tornou um constante local de debate, em que a Literatura assumiu sua

relevância, por meio de discussões, rodas de leitura, seminários e textos originais criados pelas alunas e alunos, reais protagonistas do projeto.

Nessa perspectiva, o presente artigo fará uma análise geral de todo o processo de realização do Mulheres Inspiradoras no CEF 31 de Ceilândia, observando a importância da leitura e da escrita criativa para o ensino de Língua Portuguesa, por meio de nosso relato docente. Nesse momento, não será inserida a voz dos estudantes em seus textos, até por ser um material extenso e que necessita de várias futuras análises. Será, antes, uma reflexão sobre a prática pedagógica de nossa língua, e sobre como ela pode gerar indivíduos críticos e conscientes de sua posição no mundo, tendo o feminino como foco da pesquisa.

## Da leitura à escrita – o processo de desenvolvimento do projeto Mulheres Inspiradoras

Logo no primeiro bimestre, antes mesmo de começarmos o curso Mulheres Inspiradoras, reunimo-nos para pensar num tema, numa proposta de trabalho que englobasse tudo o que gostaríamos de desenvolver com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Chegamos à conclusão de que seria necessária a participação no Programa de Ampliação da Área de Abrangência do projeto Mulheres Inspiradoras. Também seria fundamental focar os trabalhos e pesquisas dentro do tema do projeto da escola sobre brasilidade, que tinha como base a cidadania em todos os seus âmbitos.

Podemos, a partir do projeto Mulheres Inspiradoras, discutir assuntos como: ética, preconceito, convivência, diferenças sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas, entre as demais que envolvem a relação entre os indivíduos que compõem a sociedade. No caso específico do ano letivo citado, as atividades se voltaram para o estudo de gênero, machismo, violência contra a mulher, valorização da mulher, homofobia, transfobia, Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) e demais assuntos que surgiram no decorrer do trabalho.

Para tanto, tivemos o privilégio de participar do projeto Mulheres Inspiradoras, recentemente transformado em política pública sob gestão da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Foram selecionadas algumas escolas para que pudessem, através do curso, mostrar aos alunos uma nova temática para a elaboração de trabalhos, de ideias e questionamentos e, dessa forma, contribuir para a aprendizagem dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

A realização do projeto se deu a partir da leitura de autoras reconhecidas por seus livros, dentre outros materiais utilizados em aula como biografias, vídeos (sobre as escritoras e seus contextos de vivência), entre outros. Munidos dessa leitura literária e crítica, os estudantes foram incentivados a produzir textos individuais, com a temática feminina em diálogo com seu dia a dia e o mundo que os cerca. Ao ler as obras selecionadas pelo projeto, os jovens embarcaram nesse espaço que parte de sua realidade e entraram em outro com a qual não apenas dialogam, mas a partir da qual também se posicionam, tal como afirma Zilberman (2012):

O indivíduo abandona temporariamente sua própria disposição e preocupa-se com algo que até então não experimentara. Traz para o

primeiro plano algo diferente, momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo; entretanto, as orientações do real não desaparecem, e sim formam um pano de fundo contra o qual os pensamentos dominantes do texto assumem certo sentido. Também, por esse lado, a relação entre os dois sujeitos – o leitor e o texto – é dialógica (ZILBERMAN, 2012, p. 44).

Nesse encontro com seu leitor, oferecido pelo texto, o estudante promove contatos que fazem com que se perceba parte do que lê. Assim, esse novo universo de oportunidades e da imaginação do autor se relaciona ao dos adolescentes e se conecta com seus desejos e afetos. O poder da leitura é transformador, assim como o é a prática pedagógica com o texto quando realizada de maneira emancipadora e fora de padrões conservadores e tradicionais que reverberaram no ensino por décadas. O que antes visava apenas a um contato torturante com o livro e ao objetivo de que o jovem apenas “aprendesse a interpretar a obra” – por meio de questões prontas, manuais e roteiros de leitura – assume novo caráter nas atuais práticas que buscam fazer com que o indivíduo se encontre na escrita e, a partir dela, seja capaz de pensar a si mesmo e o seu estar no mundo. Com isso, torna-se capaz de dialogar de maneira tal que consiga produzir sua própria resposta por meio de uma escrita criativa e, por vezes, autoral. Podemos apreender tal perspectiva a partir das palavras de Petit (2013):

Ao escutar os leitores, disse a mim mesma que, no fundo, o essencial da experiência da leitura talvez seja isso: a partir de imagens ou fragmentos recolhidos nos livros, podemos desenhar uma paisagem, um lugar, um habitáculo próprio. Um espaço onde podemos desenhar nossos contornos, começar a traçar nosso próprio caminho e nos desprender um pouco do discurso dos outros ou das determinações familiares ou sociais. A leitura nos abre para outro lugar, onde nos dizemos, onde elaboramos nossa história apoiando-nos em fragmentos de relatos, em imagens, em frases escritas por outros (PETIT, 2013, p. 109-110).

Sendo assim, ao ler, o estudante desprende-se, por vezes, de uma realidade limitadora, preconceituosa, machista e misógina para repensar suas posturas e como agir daí em diante, tal como ocorreu durante a realização do projeto Mulheres Inspiradoras. Não que se objetive fazer com que os alunos e alunas sejam apenas receptores passivos da Literatura, e sim o contrário, tal como citado anteriormente por Petit (2013), criar a partir do lido.

Ao conhecer narrativas que se encontram com as suas, os jovens eram capazes de elaborar suas próprias histórias, relacioná-las, entrar em contato com muitas de suas experiências cotidianas e ser narradores de seus próprios textos. Suas vidas eram os materiais cercados de imaginação, personagens advindos de seus lócus individual e pessoal e que acabara de encontrar um outro dialógico no texto literário. Não necessariamente se tratava de narrativas inspiradas apenas no real, contudo frutos do contato com outros ambientes ficcionais, como dar voz a uma personagem como Kitty de *O diário de Anne Frank* e adentrarem um espaço que não é seu pela distância e o tempo, como a Europa da Segunda Guerra Mundial, mas que, por meio do livro, torna-se viável em uma prática pedagógica.

Mais que um único modelo de texto, a disciplina de Língua

Portuguesa visa abranger o maior número de gêneros textuais, para que o discente perceba os elementos escritos em sua multiplicidade e compreenda como as mais diversas manifestações de linguagem podem auxiliar na compreensão dos processos de interpretação e letramento. Para a proposta de atividade relativa ao ano em que se encontrava, os gêneros textuais estudados foram poesias, diários, biografias, entre outros. Tratava-se de um projeto que tinha seu foco na observação dos fatos cotidianos e na capacidade de argumentação para discutir elementos fundamentais, pensando o aluno e sua realidade na qual está inserido. De tal maneira, o tema central foi a Mulher<sup>1</sup> em todos os elementos que envolvem sua concepção e seu papel enquanto membro de uma sociedade ainda marcada pelo patriarcalismo.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino (BEAUVOIR, 1980, p. 25).

A frase de Simone de Beauvoir, citada no Enem em 2015, o que causou grande controvérsia, é simbólica e necessária para a compreensão da atual conjuntura das questões de gênero na sociedade. Várias são as teorias e argumentos que possuem seu foco na desmistificação da diferença homem/mulher como algo natural e parte da fisiologia dos seres. Humanos nascem macho e fêmea, os papéis sociais que aos poucos cada indivíduo representa em seu dia a dia nada mais são que construtos marcados por conceitos morais arraigados e cercados por padrões que ainda apresentam um teor machista marcante e preocupante (BUTLER, 2003).

Como parte das atividades, outros gêneros textuais foram utilizados: contos, textos de jornais e revistas, propagandas, tiras, biografias de autoras com produção significativa na sociedade e que discutem a posição da mulher. A finalidade do projeto foi fazer com que o aluno percebesse a situação de desigualdade que ainda marca o mundo atual na qual a mulher é posta em posição de submissão e inferioridade perante o homem. Prova disso é o índice ainda alarmante de violência contra a mulher e as estatísticas que retratam um favorecimento do homem branco, heterossexual, adulto e sadio como centralizador e dominador em uma sociedade marcada por preconceitos, dentre os quais os de gênero, que ainda são visíveis e cruéis para um grupo que compõe mais da metade da população – as mulheres.

Sendo assim, a disciplina de Língua Portuguesa se integra ao todo da atividade pedagógica da escola, fazendo das atividades dos alunos seu elemento basilar e de sua criatividade o melhor projeto a ser apresentado como resultado. Acreditando no poder do texto literário, nós, professores, investimos na capacidade de nossos adolescentes de ler, interpretar e produzir, pois estes elementos foram fundamentais para sua compressão do eu e do mundo do qual faz parte – o que nos une enquanto indivíduos, profissionais e instituição, enfim uma comunidade escolar.

Para tal, trabalhamos da seguinte forma durante o ano letivo de 2017: no primeiro bimestre, ocorreu a apresentação, para a escola e aos alunos, do tema que escolhemos para ser trabalhado durante o ano letivo, bem como seus objetivos.

Logo depois, os alunos fizeram uma pesquisa sobre a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) e sobre quem é Maria da Penha (biografia). Com base na pesquisa, demos continuidade ao trabalho sobre a violência contra a mulher, através de uma produção textual (texto argumentativo). As avaliações tiveram, como tema, a violência contra a mulher, englobando subtemas, tais como: Dia Internacional da Mulher, dados estatísticos e históricos, protagonismo feminino.

No segundo bimestre, já fazendo parte do projeto Mulheres Inspiradoras e com o recebimento dos livros, organizamos as atividades da seguinte forma: leitura de *Não vou mais lavar os pratos*, de Cristiane Sobral, separando as turmas em grupos, cada um responsável pela leitura e análise dos poemas selecionados por nós (Figura 1). Quando essa parte foi finalizada, organizamos a sala de aula em forma de círculo para a realização de um debate em conjunto sobre os possíveis significados que cada poema era capaz de despertar nos membros dos grupos e nos demais que participavam como ouvintes e, posteriormente, com suas opiniões e questionamentos.

Nessa atividade, todos os alunos participaram com suas opiniões e até mesmo nos relataram algumas vivências. Foi uma atividade muito interessante e importante para dar continuidade ao nosso trabalho. Com o término do debate, propusemos uma produção de texto baseado nas percepções e na análise dos poemas lidos. Nesse bimestre, a avaliação foi multidisciplinar, realizada nos turnos matutino e vespertino, e o tema foi o mesmo para a escola toda: Mulheres Inspiradoras.

A reunião de pais do 2º bimestre foi diferente das demais. Houve um momento de reflexão sobre o que estávamos trabalhando com os alunos em sala de aula. Primeiramente, tivemos um diálogo com os pais, mães e outros familiares, apresentando o projeto a eles (Figura 2). Depois disso, duas alunas participaram, conversando com a comunidade escolar sobre a importância de falar sobre a violência contra a mulher e a valorização feminina. Para encerrar esse momento, um grupo de alunas cantou a música: *Respeita as mina*, de Kell Smith, utilizando percussão corporal. Foi um instante de interação com a participação de toda a comunidade.

No terceiro bimestre, continuamos no desenvolvimento do projeto que já era sucesso garantido na escola. Recebemos livros novos, através do projeto Mulheres Inspiradoras, e com eles dividimos as atividades da seguinte maneira: leitura das obras *O diário de Anne Frank* e *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. O livro *Quarto de despejo* foi lido em duplas durante as aulas, com a apresentação para a turma sobre o cotidiano de Carolina Maria de Jesus (Figuras 3 e 4). Discutimos e debatemos sobre a vida da escritora. Terminando essa leitura, partimos para *O diário de Anne Frank*, de modo individual na sala de aula, ou na biblioteca da escola. Os alunos leram e produziram um texto pessoal no formato de um diário, em que deram uma resposta à Kitty, como se ela tivesse lido os diários que Anne escrevia durante o tempo no esconderijo e, a partir disso, disseram o que acharam, fazendo as devidas considerações.

Nesse mesmo bimestre, tivemos a presença da professora Gina, criadora do projeto Mulheres Inspiradoras, para uma palestra com todos os professores da escola (Figura 5), momento este em que ela apresentou o projeto. Também tivemos uma experiência de extrema importância para o nosso trabalho que

Figura 1



Fonte: próprios autores

Figura 2



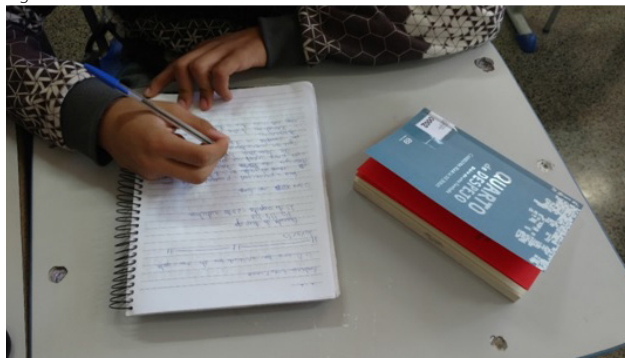
Fonte: próprios autores

Figura 3



Fonte: próprios autores

Figura 4



Fonte: próprios autores



foi uma conversa dos alunos com a autora Cristine Sobral (Figuras 6 e 7). Nesse dia, ela apresentou e divulgou suas obras para os alunos interessados e inscritos antecipadamente para essa atividade especial. As avaliações continuaram sendo a respeito do tema do projeto.

Por mais que as leituras em sala de aula fossem necessárias para a efetividade do trabalho realizado, não eram o suficiente para abarcar todo o campo de possibilidades que as obras eram capazes de oferecer. Com isso, os alunos e as alunas eram convidados a participar de rodas de leitura em horário contrário, o que se demonstrou uma estratégia importante para que suas vozes fossem ouvidas e que pudessem debater o texto literário de maneira ainda mais eficiente, com mais espaço e maior tempo. Em formato de círculo, não se objetivava dar respostas ou procurar explicações, mas dialogar, contextualizar e fazer com que o espaço da escola se demonstrasse efetivamente democrático. O interesse foi tamanho que todas as obras oferecidas foram relidas e exaustivamente questionadas, com análises que iam do que continha no texto até o pensar o cotidiano e problemáticas como: preconceito, racismo, *bullying*, machismo, violência, política, ideologia, homofobia, dentre várias possíveis temáticas que envolvem o dia a dia de todos nós. Pensamos próximo ao que denomina Petit (2008) ao relatar o contato entre o leitor e esse outro proposto no texto:

Nessa leitura, o escritor e o leitor constroem-se um ao outro; o leitor desloca a obra do escritor, e o escritor desloca o leitor, às vezes revelando nele um outro, diferente do que acreditava ser. Disse “o escritor” e não “o autor”. E, agora há pouco, para falar do leitor trabalhado por seu encontro com o texto, passamos da leitura em geral para essa experiência particular que é a leitura da obra literária (PETIT, 2008, p. 35).

Nessas rodas de leitura, então, tínhamos uma forma prática de observar a relação leitor/outro (Figura 8). Tal contato se dava de maneira tão intensa que, em várias ocasiões, era necessário parar o debate devido às lágrimas que brotavam no olhar de todos após relatos de uma dura realidade vivenciada por algumas alunas. Aliás, cabe aqui mencionar o quão impactante pode ser o projeto Mulheres Inspiradoras em sua realização. O professor, mais que uma figura de autoridade ou um controlador da discussão, detentor de um saber acadêmico acumulado, deve exercer sua real função numa perspectiva educacional, que é mediar a aprendizagem. Uma das maneiras de atingir tal efeito é por meio da emoção. Torna-se praticamente impossível não estabelecer um forte elo entre sua sala de aula e a própria vida quando nos inserimos em uma proposta pedagógica que busca a emancipação de indivíduos e a mudança de paradigmas, não apenas por parte deles, como do docente que deve ser capaz de ver sua própria ação modificar e ser realmente transformadora. Nesse sentido, acreditamos que o projeto teve sucesso em seu objetivo.

Para fechar os trabalhos e o ano letivo, após leituras tão construtivas, houve a participação de estudantes em um colóquio na Universidade de Brasília (UnB) e na cerimônia de conclusão da 1ª edição do Programa de Ampliação da Área de Abrangência do projeto Mulheres Inspiradoras. Chegou o momento dos alunos e das alunas apresentarem sua mulher inspiradora. Para tal, seguimos a estrutura já realizada pela

Figura 5



Fonte: próprios autores

Figura 6



Fonte: próprios autores

Figura 7



Fonte: próprios autores

Figura 8



Fonte: próprios autores

professora Gina com a escolha da mulher de sua família ou da comunidade para ser entrevistada e, a partir daí, compor a narrativa pessoal do aluno, retratando a vida desta figura tão importante. Recebemos textos com histórias diversas que apresentaram um pouco da face desse povo que habita a comunidade da Expansão do Setor O – Distrito Federal (DF), a partir de um de seus elementos fundamentais – suas mulheres.

### Considerações finais

Baseado no que foi apresentado sobre leitura, escrita e questões de gênero, esse projeto foi um meio que encontramos de fazer alunos e alunas utilizarem a disciplina de Língua Portuguesa como uma das bases para compreensão de si, da sociedade e de sua relação com ela. Observamos que a interpretação é capaz de gerar indivíduos críticos, cidadãos ativos e plenamente competentes nos mais diversos ramos do conhecimento. Com o processo de letramento atingindo seu sucesso, o aluno obteve o esperado na disciplina. Como foi o último ano deles no Ensino Fundamental, pensamos em encerrar essa etapa de suas vidas com um projeto que trouxesse um estudo mais amplo sobre um tema que precisava ser discutido em sala de aula, e o projeto Mulheres Inspiradoras, que já era estudado por nós professores, trouxe exatamente o que queríamos e o que precisávamos para o resultado obtido com esses jovens. Projetos de leitura são fundamentais não apenas para trazer à baila a importância da literatura e da criatividade, como também para auxiliar no olhar que deve recair sobre si e sobre o mundo. Essa é a visão que Petit (2009) faz em algumas de suas análises:

De fato, programas em que a leitura ocupa um lugar fundamental estão atualmente sendo realizados em diferentes regiões do mundo que são cenário de guerras ou de violências, crises econômicas intensas, êxodos de populações ou catástrofes naturais. Na maior parte das vezes, essas experiências têm uma circulação ruim e acabam ignoradas ou subestimadas, não só na Europa (onde a presunção etnocêntrica nos proíbe de considerar que ganharíamos se nos informássemos a respeito do que é empreendido no exterior), mas também a alguns poucos quilômetros de lugares onde são realizadas. E, no entanto, elas são ricas em ensinamentos (PETIT, 2009, p. 12).

O que a professora Gina Vieira Ponte idealizou e realizou em sua primeira proposta do projeto Mulheres Inspiradoras, em 2012, no CEF 12 de Ceilândia, tomou forma, ganhou contornos e expandiu para outros possíveis horizontes. Situações como as encontradas no dia a dia dos e das jovens de comunidades carentes, como a da periferia de Brasília, são situações de vulnerabilidades físicas e sociais que se aproximam com as citadas por Petit (2009) no excerto acima e tornam a prática de projetos emancipadores não apenas importantes, como necessários. Acima de tudo, todas as ações promovidas são base para uma educação transformadora, tal como denomina Hooks (2003):

Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente liberadora (HOOKS, 2013, p. 63).

Debater sobre o machismo, sobre a violência contra a mulher, sobre a representação limitada que esta possui em nossa sociedade, sobre o empoderamento feminino, entre outros, foi de fundamental importância pela necessidade de mostrar aos alunos os direitos, a luta e a busca por equidade que, por séculos, fez parte da vida de inúmeras mulheres.

Desta maneira, conseguimos ressignificar a percepção dos e das jovens, auxiliando-os na tentativa de serem protagonistas de suas próprias vidas, algo obtido a partir não apenas de leituras e escritas autorais, mas também de uma mudança de consciência da prática docente, bem como campanhas realizadas na escola visando o combate a qualquer forma de violência, em especial a ocorrida contra a mulher.

O que foi iniciado em nossas experiências e nossas vivências como professores de Português, bem como em nossos alunos, objetivamos que tenha expandido para os demais componentes da comunidade escolar: colegas, gestores, pais e pessoas da comunidade a qual dedicamos nosso esforço – a Expansão do Setor O e o CEF 31. ■

### Notas

<sup>1</sup> De tal modo, o projeto entra em diálogo com o Projeto de Lei nº 1.158/16 que torna obrigatória, nas escolas públicas do Distrito Federal, a valorização da mulher e o combate ao machismo.

### Referências bibliográficas

- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo** – volume 01. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A arte de ler ou como resistir à diversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução Olga de Souza. São Paulo: Editor 34, 2013.
- ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino de literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.